



## O discurso político de Benjamin Netanyahu Entre os *ethé* de credibilidade e os de identificação

**Maira Guimarães**

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)  
orcid.org/0000-0001-6952-5145

**Renan Moreira Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
orcid.org/0009-0003-9880-1454

Este artigo analisa o pronunciamento de Benjamin Netanyahu no Congresso dos Estados Unidos (24/07/2024) à luz da Teoria Semiolingüística de Charaudeau (2018) e dos estudos retóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e de Amossy (2018). A partir de abordagem qualitativo-interpretativista, examina-se como o líder israelense articula *ethé* de credibilidade (seriedade, virtude cívica e competência) e *ethé* de identificação (potência, caráter, humanidade, chefe e solidariedade) para legitimar sua política. A análise evidencia que a combinação de apelos racionais e afetivos, sustentada por técnicas de argumentação e de presença descritas pela Nova Retórica, constrói a dicotomia “civilização *versus* barbárie”, deslocando as acusações de genocídio e violência estrutural e apresentando Israel como guardião da “civilização ocidental”. Conclui-se que a fusão entre credibilidade racional e identificação emocional constitui estratégia retórico-discursiva para a persuasão e a sustentação de apoio internacional.

**Palavras-chave:** Discurso político. *Ethos*. Teoria Semiolingüística. Retórica.

### El discurso político de Benjamin Netanyahu: entre los *ethé* de credibilidad y los de identificación

Este artículo analiza el discurso de Benjamin Netanyahu ante el Congreso de los Estados Unidos (24/07/2024) a la luz de la Teoría Semiolingüística de Charaudeau (2018) y de los estudios retóricos de Perelman y Olbrechts-Tyteca (2005) y Amossy (2018). A partir de un enfoque cualitativo-interpretativista, se examina cómo el líder israelí articula *ethé* de credibilidad (seriedad, virtud cívica y competencia) y *ethé* de identificación (potencia, carácter, humanidad, jefe y solidaridad) para legitimar su política. El análisis muestra que la combinación de apelaciones racionales y afectivas, sustentada en las técnicas de argumentación y de “presencia” descritas por la Nueva Retórica, construye la dicotomía “civilización *versus* barbarie”, desplazando las acusaciones de genocidio y violencia estructural y presentando a Israel como guardián de la “civilización occidental”. Se concluye que la fusión entre credibilidad racional e identificación emocional constituye una estrategia retórico-discursiva para la persuasión y el mantenimiento del apoyo internacional.

**Palabras clave:** Discurso político. *Ethos*. Teoría Semiolingüística. Retórica.

### The Political Discourse of Benjamin Netanyahu: between the *ethé* of credibility and those of identification

This article analyzes Benjamin Netanyahu's address to the United States Congress (07/24/2024) in light of Charaudeau's Semiolingüistic Theory (2018) and the rhetorical studies of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005) and Ruth Amossy (2018). Using a qualitative-interpretivist approach, it examines how the Israeli leader articulates *ethé* of credibility (seriousness, civic virtue, and competence) and *ethé* of identification (power, character, humanity, leadership, and solidarity) to legitimize his political stance. The analysis shows that the combination of rational and affective appeals - supported by argumentative and “presence” techniques described by the New Rhetoric - constructs the “civilization *versus* barbarism” dichotomy, displacing accusations of genocide and structural violence and portraying Israel as the guardian of “Western

civilization.” It concludes that the fusion of rational credibility and emotional identification constitutes a rhetorical-discursive strategy for persuasion and the maintenance of international support.

**Keywords:** Political discourse. *Ethos*. Semiolinguistics Theory. Rhetoric.

## Introdução

Nos últimos meses, o mundo vem acompanhando os desdobramentos do chamado conflito entre Israel e o Estado da Palestina. Nesse período, notou-se o avanço do exército israelense na Faixa de Gaza, na Cisjordânia e nos Territórios Palestinos Ocupados. Esse cenário, compreendido como “Genocídio Televisado” (Othman; Teles, 2024), devido à grande violência e à capacidade de difusão e de circulação das mídias sociais, como o X (antigo Twitter), o Instagram e o Facebook, vem sendo exposto não só pelas grandes mídias, mas, também, por ativistas digitais, por jornalistas independentes e pela própria população local que sofre diretamente as consequências do conflito.

Nesse viés, observa-se a devastação de áreas residenciais, de hospitais, de universidades, de mesquitas, de áreas de campo e de monumentos históricos que representam a memória dos palestinos. Além, é evidente, das inúmeras mortes de crianças, de adolescentes, de homens e de mulheres, de jovens e de adultos, vítimas da situação. Assim, muitos discursos circulam na sociedade, com posicionamentos distintos, tanto em defesa dos palestinos, contrários às ações de Israel, quanto favoráveis ao Estado Judeu, com justificativas baseadas, muitas vezes, em lógicas colonialistas e ocidentais, além da ideia de um possível direito de defesa do denominado “terrorismo árabe”.

Um dos nomes desse projeto de limpeza étnica dos palestinos seria Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, conhecido por defender publicamente o ideal sionista, para quem o território palestino pertenceria unicamente aos judeus. Netanyahu emergiu como um dos principais arquitetos da radicalização do sionismo. Líder do partido Likud e primeiro-ministro israelense em múltiplos mandatos, Netanyahu personifica o sionismo revisionista, corrente que prioriza a expansão territorial e a consolidação de Israel como um Estado etnocrático. Seu governo vem sendo marcado por uma retórica belicista que associa a existência de Israel a uma suposta ameaça existencial, utilizando-se de narrativas históricas como o Holocausto para justificar políticas de segregação e de repressão. (Bugiati et al., 2024). Nesse viés, o político, conhecido por ser um dos mais fortes representantes da extrema-

direita mundial, apresenta-se enquanto líder e porta-voz de um discurso político hegemônico, promovendo atrocidades contra os palestinos e demonstrando, frequentemente, não temer as consequências dos seus crimes contra a humanidade.

Dessa forma, pretendeu-se uma análise discursiva do pronunciamento<sup>1</sup> de Benjamin Netanyahu, no congresso estadunidense, no dia 24 de julho de 2024, devido à relação mantida há décadas entre Israel e EUA, principalmente no tocante à identificação entre as populações e ao financiamento bélico promovido pelos estadunidenses. O referido estudo foi feito com base na Teoria Semiolinguística (TS), de Charaudeau (2018) e dos estudos retóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e de Amossy (2018).

Assim, por compreender a importância dos *ethé* para o discurso político, a escolha do *corpus*, guiada pela relevância do conflito e dos países envolvidos, fez-se relevante não apenas para o campo da Análise do Discurso (AD), mas também para a compreensão mais geral dos discursos que circulam na sociedade e quais as representações e as orientações argumentativas presentes nestes.

Por fim, quanto à metodologia, analisou-se o *corpus* através de uma abordagem qualitativo-interpretativista, verificando as imagens construídas nas declarações do líder político, apontando, também, quais *ethé* prevaleceram nas escolhas de Netanyahu (2024). Nesse sentido, buscou-se focar nos conceitos de *ethé* de credibilidade e de identificação (2018), além das definições das características do discurso político, com a apresentação do representante israelense. Portanto, ao final da pesquisa, pode-se entender como o pronunciamento de Benjamin Netanyahu (2024) e a adesão às suas ideias ocorre pela construção de *ethé* que visam persuadir ora pela credibilidade ora pela identificação.

## 1 O conflito entre Israel e Palestina

A história do conflito entre Israel e Palestina é profundamente marcada por um processo de colonização e deslocamento forçado, cujo marco inicial seria a criação do Estado de Israel em 1948. Esse evento, conhecido pela população palestina como Nakba (termo árabe para “catástrofe”), representou a expulsão em massa de mais de 700 mil palestinos de suas terras ancestrais, além da destruição de centenas de vilas e cidades árabes. Essa dinâmica de ocupação territorial foi fundamentada no

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.haaretz.com/israel-news/2024-07-25/ty-article/full-text-netanyahus2024address-to-congress/00000190-e6c0-d469-a39d-e6d7117d0000>. Acesso em: 4 de fev. 2025.

sionismo, movimento político nacionalista que surgiu no final do século XIX, defendendo a criação de um Estado exclusivamente judeu na Palestina histórica.

Dessa maneira, o sionismo reinterpreto o judaísmo não apenas como uma identidade religiosa, mas como um projeto étnico-colonial, justificando a ocupação da região como um “direito histórico” inalienável, ao mesmo tempo que ignorou a presença secular de árabes palestinos no território. Assim, as discussões sobre esse processo, entendido, por muitos pesquisadores, como mais um exemplo da mentalidade e da ação colonialista dos países do norte global, são ampliadas a cada ano. (Bugiato *et al.*, 2024).

Nesse sentido, conforme Carvalho (2022, p. 7), há semelhanças nesse caso quanto à colonização da América, observada “[...] uma extensão de um modo de enxergar e dividir o mundo entre sujeitos superiores e inferiores, sendo que aos inferiores é reservada, fundamentalmente, a pobreza, a violência e a exclusão social.” Esse pensamento, ainda segundo a autora, ilustra parte das dificuldades no tocante à superação da lógica colonial, vista a atualização constante de práticas que alimentam tal ideia, como exemplo, nas mídias, em que os palestinos são racializados e desumanizados “[...] na tentativa de conferir legitimidade à suposta superioridade branca e europeia.” (Carvalho, 2022, p. 7).

Dessa forma, o sionismo, desde suas origens, articulou-se como um projeto colonial de povoamento, semelhante aos modelos europeus nas Américas e na África. (Bugiato *et al.*, 2024) Assim, “o Estado (a burocracia) foi criado impregnado pela ideologia sionista, que se materializou em uma política estatal supremacista de extermínio, com o intuito de colonizar toda a Palestina eliminando seu povo nativo.” (Bugiato *et al.*, 2024, p. 84-85).

Benjamin Netanyahu emergiu como “arquiteto” do sionismo contemporâneo, combinando discursos de defesa de segurança nacional com práticas de limpeza étnica gradual. Seu primeiro governo (1996–1999) sabotou os Acordos de Oslo (1993), ampliando assentamentos e restringindo a mobilidade palestina. Em seu retorno ao poder (2009–2021 e 2022 até o momento), promoveu leis como a Lei do Estado-Nação (2018), que define Israel como um Estado exclusivo do povo judeu, relegando árabes palestinos (20% da população) a cidadãos de segunda classe. (Bugiato *et al.*, 2024). As práticas do governo Netanyahu, nos últimos anos, incluíram operações militares de grande escala que resultaram em milhares de mortes de civis palestinos, destruição de infraestrutura básica e deslocamentos em massa. Essas

ações foram amplamente denunciadas por organizações de direitos humanos como formas de limpeza étnica gradual, visando assegurar uma maioria demográfica judaica em territórios estratégicos. Para ilustrar a situação atual no território palestino, um levantamento feito por Othman e Teles (2024, p. 3) mostra que:

A infraestrutura de Gaza está sendo devastada: áreas residenciais, ruas comerciais, universidades, mesquitas, campos agrícolas enquanto campos de barracas são erguidos em áreas próximas à fronteira Sul de Gaza (BBC, 2024b). Avalia-se que entre 144 mil e 175 mil edifícios em toda a Faixa foram danificados ou destruídos, representando em torno de 50% a 61% das edificações de Gaza (idem, ibidem). As escolas da UNRWA foram bombardeadas, o que destrói a um só tempo, seus locais habituais de ensino fundamental e médio, mas também os abrigos temporários que muitas famílias estão usando, para não mencionar o extremo sofrimento psíquico a que estão submetidas as crianças em Gaza agora, que torna impossível qualquer processo de aprendizado (Notícias Uol, 2024b). A alta letalidade e violência contra jornalistas (Al Jazeera, 2024b) socorristas, enfermeiros, médicos (Al Jazeera, 2024c) e funcionários humanitários (Publica, 2024) revela que não é só o tecido urbano e agrário que estrutura a vida de Gaza que está sendo destruído, mas a própria rede que os ajudaria a sobreviver sob ataque e condições de guerra (Caramuru; Manfrinato, 2024).

Ainda assim, no plano internacional, Netanyahu consolidou alianças com governos conservadores e de extrema-direita, como os de Donald Trump, nos EUA, e Jair Bolsonaro, no Brasil, buscando legitimar ocupações territoriais e neutralizar críticas globais. Sua administração também vem investindo em campanhas de *lobby* para influenciar instituições como o Congresso dos EUA, garantindo apoio político e financeiro contínuo, mesmo diante de violações sistemáticas do direito internacional. Além disso, estratégias de acusar críticos de Israel de “antisemitismo” vem sendo utilizadas para silenciar vozes que denunciam violações de direitos humanos, reconfigurando o debate público em torno do conflito.

Na manhã de 7 de outubro de 2023, o Hamas e a Jihad Islâmica Palestina (JIP) iniciaram a operação “Tempestade al-Aqsa”, atacando Israel com milhares de foguetes e infiltrando combatentes em território israelense, resultando na morte de 1,4 mil pessoas e deixando cerca de 3,4 mil feridos (Oshin, 2023 *apud* Aprilé, 2024). Em resposta, Benjamin Netanyahu lançou a operação “Espadas de Ferro”, com intensos bombardeios a Gaza visando, segundo Israel, alvos militares e líderes do Hamas, sob o argumento de autodefesa (Farinelli, 2023 *apud* Aprilé, 2024).

O conflito prolongado levantou acusações de genocídio contra Netanyahu e Israel, reforçadas por um relatório da ONU em março de 2024, que apontou indícios

de violações graves dos direitos humanos na Faixa de Gaza (León, 2024 *apud* Aprilé, 2024). Dessa forma, o embate ultrapassa a questão da autodefesa, evidenciando um cenário de violência sistêmica e impactos humanitários devastadores. Segundo Aprilé (2024, p. 12),

O que ocorre em Gaza não pode ser reduzido a uma mera operação militar – é, na realidade, um genocídio em curso. Israel, em sua busca incessante por manter o domínio sobre a Palestina, não apenas nega ao povo palestino o direito à autodeterminação, mas também os submete a uma violência sistemática que desumaniza e extermina uma população inteira sob o disfarce de “autodefesa”. Essa “autodefesa” não é nada mais do que uma justificativa vazia para uma máquina de guerra implacável, que destrói cidades, mata civis inocentes e desloca milhões, num ataque contínuo à identidade e à existência do povo palestino.

Sob esse viés, nota-se como o representante político utiliza estratégias argumentativas para convencer seus aliados a manterem o apoio incondicional ao seu governo e para se defender das críticas vindas da comunidade global em relação às muitas violações dos direitos humanos nos territórios ocupados. Em vista disso, tem-se, na Análise do Discurso, um campo favorável para a compreensão dos funcionamentos discursivos e das estratégias argumentativas utilizadas por líderes governamentais na defesa de seus próprios interesses.

## **2 O *ethos* no cruzamento entre a Teoria Semiolinguística e a Nova Retórica**

A análise do discurso político contemporâneo exige, cada vez mais, abordagens teóricas capazes de articular linguagem, argumentação e construção identitária. Nesse contexto, o conceito de *ethos* assume papel central, uma vez que a persuasão política não se apoia apenas em argumentos racionais, mas também na construção de imagens de si capazes de suscitar confiança, identificação e adesão. Assim, embora a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2018) constitua o eixo principal deste trabalho, o estudo aqui proposto inscreve-se em um espaço teórico mais amplo, situado no cruzamento entre a Análise do Discurso e a Nova Retórica.

Tal articulação se justifica pelo fato de que o discurso político constitui um terreno privilegiado de convergência entre essas tradições. Como observa Amossy (2018), o retorno contemporâneo da retórica recolocou a argumentação no centro dos estudos do discurso, evidenciando que a construção da credibilidade e da legitimidade do locutor é condição fundamental para a adesão do auditório. Nesse

sentido, o *ethos* deixa de ser apenas uma categoria da retórica clássica para tornar-se uma noção central da análise discursiva contemporânea.

Na tradição retórica, o *ethos* constitui uma das três provas da persuasão, ao lado do *logos* e do *pathos*. Como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 4), a argumentação visa “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento”. Essa adesão não depende apenas da coerência lógica das teses defendidas, mas também da imagem do orador, cuja credibilidade condiciona a aceitabilidade dos argumentos. A figura do locutor integra, portanto, o próprio dispositivo argumentativo.

Essa dimensão é aprofundada por Amossy (2005), ao propor que o *ethos* seja compreendido como “imagem de si no discurso”. Para a autora, o *ethos* não corresponde à pessoa empírica do locutor, mas à representação discursiva que ele constrói na interação verbal, sendo produzido na materialidade do discurso e dependente das expectativas e representações sociais do auditório (Amossy, 2005). O *ethos* é, portanto, inseparável das condições de produção e circulação dos discursos.

Essa perspectiva aproxima-se da noção de *ethos* discursivo desenvolvida por Maingueneau (2005), para quem o discurso constrói uma forma de presença do locutor, uma “corporalidade discursiva” que se manifesta na maneira de dizer e na posição enunciativa ocupada (Maingueneau, 2005). O *ethos* articula, assim, cenografia, posição institucional e modos de enunciação, constituindo elemento estruturante da identidade discursiva.

É nesse ponto que a contribuição de Charaudeau (2018) se mostra particularmente fecunda. Ao inserir o *ethos* no interior do contrato de comunicação, o autor o redefine como imagem construída na encenação discursiva, resultante do cruzamento entre identidade social e identidade discursiva. Como afirma Charaudeau (2018, p. 115), o *ethos* é “a imagem que se liga àquele que fala”, construída a partir daquilo que é dito e do modo como é dito. O discurso político constitui, assim, uma verdadeira *mise en scène*, que “oscila entre a ordem da razão e a ordem da paixão” (Charaudeau, 2018, p. 268). A articulação dessas perspectivas permite compreender o *ethos* como um dispositivo híbrido, simultaneamente discursivo e argumentativo. Ele é discursivo porque se constrói na cena de enunciação e nas escolhas linguísticas; e é argumentativo porque participa diretamente da produção da adesão do auditório (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005).

Com o objetivo de explicitar as convergências entre esses referenciais, apresenta-se, a seguir, um quadro sintético que orienta a abordagem adotada neste trabalho.

**Quadro 1** - Convergências teóricas para a análise do *ethos* no discurso político

Dimensão	Charaudeau (2018)	Amossy (2005, 2018)	Maingueneau (2005)	Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005)	Implicação analítica
Natureza do discurso	Encenação regulada pelo contrato de comunicação	Prática discursiva situada	Cena de enunciação e corporalidade	Argumentação orientada à adesão	Discurso político como encenação argumentativa
<i>Ethos</i>	Imagem construída na interação	Imagem de si discursiva	<i>Ethos</i> ligado à cenografia	Credibilidade do orador	<i>Ethos</i> como construção discursivo-argumentativa
Relação com auditório	Co-construção de sentidos	Representações sociais	Inserção institucional do locutor	Adesão dos espíritos	Persuasão = confiança + identificação
Emoção e razão	Oscilação entre razão e paixão	Dimensão identitária da argumentação	Presença enunciativa	Técnicas de presença	Identificação afetiva como base da adesão
Exemplificação	Encenação de figuras	Construção identitária discursiva	Corporalização do locutor	Argumentação por exemplo	Narrativas como estratégia persuasiva

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

As convergências evidenciadas reforçam a pertinência de uma abordagem interdisciplinar para o estudo do discurso político. Partindo desse enquadramento teórico, o presente trabalho analisa o pronunciamento de Benjamin Netanyahu (2024) como prática discursiva que articula encenação, argumentação e construção de imagens de si, mobilizando estratégias destinadas à adesão racional e afetiva do auditório.

### 3 A Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau

A Teoria Semiolinguística (TS), desenvolvida por Charaudeau (2018), como um arcabouço teórico-metodológico de destaque no campo da Análise do Discurso (AD) por sua abordagem interdisciplinar, integrando aspectos linguísticos, psicológicos e sociais. Segundo o autor, a linguagem é entendida como uma atividade que ocorre

em contextos específicos, envolvendo sujeitos sociais que produzem e interpretam discursos. Dessa maneira, a TS enfatiza a dupla dimensão do ato de linguagem: o explícito, que corresponde à configuração semiológica visível, e o implícito, que envolve os saberes e contextos que influenciam a produção e interpretação do discurso. Essa perspectiva permite analisar como os sujeitos atribuem sentidos aos discursos, considerando tanto a materialidade linguística quanto os contextos socioculturais. (Corrêa-Rosado, 2014).

Ademais, um dos conceitos centrais da TS é o contrato de comunicação, que regula as interações discursivas entre os sujeitos. Esse contrato é composto por elementos como a finalidade do discurso, a identidade dos participantes, o propósito temático e as circunstâncias materiais da comunicação e estabelece as restrições e possibilidades para a produção e interpretação do discurso, permitindo que os sujeitos negociem sentidos dentro de um espaço de estratégias discursivas. Assim, pode-se dizer que:

[...] o contrato de fala [...] é constituído pelo conjunto de restrições que codificam as práticas sócio-linguageiras e que resultam em condições de produção e interpretação (circunstâncias do discurso) do ato de linguagem. Esse contrato de fala dá um certo estatuto sócio-linguageiro aos diferentes protagonistas da linguagem, determinando suas falas [tradução nossa] (Charaudeau, 1983, p. 54 *apud* Corrêa-Rosado, 2014).

Nesse sentido, essas estratégias são utilizadas pelo sujeito enunciador para influenciar o destinatário, seja por meio de processos de identificação (*ethos*), de dramatização (*pathos*) ou de racionalização (*logos*) (Corrêa-Rosado, 2014). Também, Charaudeau (2018 *apud* Corrêa-Rosado, 2014) destaca que o ato de linguagem é uma encenação, na qual o sujeito comunicante utiliza recursos linguísticos e contextuais para produzir efeitos de sentido no interlocutor. Portanto, a Teoria Semiolingüística oferece ferramentas teóricas e metodológicas para a análise de diversos discursos sociais, como o político, midiático e literário, destacando-se por sua capacidade de articular a linguagem com os contextos socioculturais e as intencionalidades dos sujeitos. Como afirma Charaudeau (2011, *apud* Corrêa-Rosado, 2014), o discurso não se limita ao texto, mas é um percurso de significância que depende das condições de produção e interpretação, evidenciando a complexidade da comunicação humana.

Em relação ao discurso político, Charaudeau (2018) o define como uma prática discursiva que se insere em um contexto específico de comunicação, em os sujeitos envolvidos (políticos, eleitores, instituições) estão ligados por um contrato

comunicacional que regula suas interações. Esse contrato estabelece as regras e expectativas que orientam a produção e a interpretação do discurso político, como a finalidade de persuadir, a identidade dos participantes e o propósito temático. Assim como, conforme Charaudeau (2006, p. 69 *apud* Corrêa-Rosado, 2014), a finalidade do discurso político é “ordenar o ato de linguagem em função de um objetivo”, sendo uma “encenação discursiva”, na qual o sujeito comunicante busca “atingir seu parceiro seja para fazê-lo agir, seja para emocioná-lo, seja para orientar seu pensamento”. Essa encenação envolve a manipulação de recursos linguísticos e retóricos para criar efeitos de sentido que convençam o público-alvo.

Além disso, o discurso político é marcado por modos de organização do discurso, como o narrativo e o argumentativo, que servem para estruturar a mensagem de acordo com as intenções do locutor e esses modos “constituem-se como princípios de organização da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante”. (Charaudeau, 1992, p. 72 *apud* Corrêa-Rosado, 2014). No caso do discurso político, a narrativa pode ser usada para construir uma identidade coletiva, enquanto a argumentação busca justificar decisões e políticas.

Por fim, o discurso político, na perspectiva de Charaudeau (2006), é uma prática discursiva complexa que envolve a negociação de sentidos, a construção de identidades e a mobilização de estratégias persuasivas, sempre mediada por um contrato comunicacional que define as regras do jogo político. Desse modo, conforme Charaudeau (2006, p. 268),

A encenação do discurso político oscila entre a ordem da razão e a ordem da paixão, misturando *logos*, *ethos* e *pathos* para tentar responder à questão que nós todos devemos nos colocar: O que me faz aderir a tal ou tal valor, tal ou tal ação política – via tal ou tal partido, tal ou tal personagem?

Portanto, a relação entre o discurso político e a construção do *ethos* é fundamental para a persuasão e a adesão do público. Charaudeau (2018) ressalta que o *ethos* não é apenas uma imagem construída pelo político, mas também uma imagem percebida pelo público, que pode variar de acordo com as estratégias discursivas e o contexto de enunciação. No caso dos *ethé* de credibilidade, a ênfase está na racionalidade e na demonstração de competência, enquanto os *ethé* de identificação apelam para a emoção e a construção de uma identidade compartilhada. Dessa maneira, segundo Charaudeau (2018), ambos são essenciais

para o sucesso do discurso político, pois permitem ao líder estabelecer uma relação de confiança e proximidade com seu público.

#### 4 O *ethos* como estratégia no discurso político

Antes de apresentar as tipologias propostas por Charaudeau (2018), é importante situar o conceito de *ethos* no interior das abordagens contemporâneas do discurso político. Nas últimas décadas, o *ethos* deixou de ser entendido apenas como uma qualidade moral do orador para tornar-se uma construção discursiva situada, resultante da articulação entre linguagem, argumentação e representações sociais (Amossy, 2005). Nesse sentido, o discurso político constitui um espaço privilegiado para observar como a imagem do locutor participa diretamente da produção da adesão do auditório, condição central da argumentação (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005).

A perspectiva discursiva do *ethos* aproxima-se da noção de cena de enunciação proposta por Maingueneau (2005), segundo a qual o discurso constrói uma forma de presença do locutor, uma “corporalidade discursiva” que se manifesta na maneira de dizer e na posição enunciativa ocupada (Maingueneau, 2005, p. 72-73). Assim, a imagem do político não preexiste ao discurso, mas é continuamente produzida na interação com o auditório.

É nesse quadro que se insere a contribuição de Charaudeau (2018), para quem o *ethos* deve ser entendido como resultado do cruzamento entre identidade social e identidade discursiva. Segundo o autor, o *ethos* é “a imagem que se liga àquele que fala”, construída a partir daquilo que é dito e do modo como é dito (Charaudeau, 2018, p. 115). Essa imagem não é totalmente controlável pelo locutor, pois depende do olhar do destinatário e dos saberes compartilhados que orientam a interpretação.

Essa concepção dialoga diretamente com a Nova Retórica, que coloca a adesão do auditório no centro da argumentação. Como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a eficácia persuasiva depende da confiança depositada no orador. Assim, a construção do *ethos* não constitui elemento periférico do discurso político, mas condição de aceitabilidade das teses defendidas.

No discurso político, o *ethos* constitui elemento central da construção da relação entre o líder e o público, pois corresponde à imagem que o enunciador constrói de si no discurso com vistas à adesão do auditório (Charaudeau, 2018; Tomaz; Gouvêa, 2017). Conforme Charaudeau (2018, p. 115):

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem.

É importante destacar que essa construção não é plenamente controlável pelo locutor, pois grande parte do *ethos* opera em nível inconsciente, derivando de marcadores linguísticos e comportamentais não intencionais. O falante não detém soberania absoluta sobre como será interpretado e a percepção do destinatário, frequentemente, diverge da intenção do enunciador. O *ethos* efetivo é, portanto, co-construído na interação (Charaudeau, 2018).

Essa construção identitária vincula-se às representações sociais partilhadas. As categorias utilizadas para decodificar o *ethos* como, por exemplo, “autoritário”, “confiável” ou “populista”, são moldadas por esquemas culturais e expectativas do auditório, reforçando o caráter socialmente negociado da imagem discursiva (Amossy, 2005). Desse modo, o *ethos* transcende o indivíduo e opera como mecanismo de categorização social.

Portanto, na prática discursiva, as ideias tendem a ganhar adesão quando encarnadas por um locutor simultaneamente crível e identificável. A credibilidade assegura a fé na capacidade realizadora (“poder de fazer”), enquanto a identificação gera afiliação emocional, constituindo dimensões indissociáveis da persuasão política (Charaudeau, 2018). Sob a perspectiva retórica, essa dupla dimensão confirma que a adesão do auditório depende tanto da confiança no orador quanto da identificação com os valores que ele mobiliza (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005). Para Charaudeau (2018), dessa imbricação emergem o *ethos* de credibilidade, ancorado em demonstrações de competência e coerência (“discurso da razão”), e o *ethos* de identificação, fundamentado em laços afetivos e reconhecimento identitário (“discurso do afeto”).

## 5 *Ethos* de credibilidade

Primeiramente, destaca-se que os *ethé* de credibilidade estão relacionados à construção de uma imagem de seriedade, virtude e competência, que visa convencer

o público da legitimidade e eficácia do político. Assim, para ser crível, o político precisa demonstrar três condições essenciais: sinceridade, performance e eficácia.

A sinceridade refere-se à construção de uma imagem de autenticidade e coerência entre dizer e agir. O discurso deve transmitir a impressão de que o locutor revela suas verdadeiras intenções e valores, estabelecendo um vínculo inicial de confiança com o público (Charaudeau, 2018). Sob a perspectiva da argumentação, essa dimensão corresponde à necessidade de o auditório perceber o orador como digno de confiança, condição essencial para a adesão às teses defendidas (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005).

Sob esse viés, nota-se a credibilidade política não como um atributo inerente ao indivíduo, ou uma qualidade derivada simplesmente de sua posição social ou título. Segundo Patrick Charaudeau (2018), trata-se de uma construção discursiva complexa e dinâmica, resultado de um processo estratégico pelo qual o sujeito político edifica, através de sua comunicação e ações percebidas, uma identidade discursiva específica. O objetivo final é convencer o público de sua legitimidade e eficácia, levando-a a julgá-lo digno de confiança e crédito. Essa credibilidade é fundamental para a aceitação do político e a eficácia de seu discurso. Assim, para Charaudeau (2018, p.119): “Dito de outra forma, a credibilidade repousa sobre um poder fazer, e mostrar-se crível é mostrar ou apresentar a prova de que se tem esse poder.”

A segunda condição, de performance, está ligada à capacidade atribuída ao político de transformar promessas em ações, evidenciando o “poder fazer”, isto é, a habilidade de executar projetos e superar obstáculos (Charaudeau, 2018). Essa dimensão reforça a credibilidade ao projetar uma imagem de competência prática, contribuindo para a construção de um *ethos* capaz de sustentar a confiança do auditório.

Quanto à eficácia, enfim, refere-se aos resultados positivos atribuídos às ações do político. Ela valida a performance e retroalimenta a percepção de sinceridade, pois resultados percebidos como benéficos reforçam a ideia de compromisso com o interesse coletivo (Charaudeau, 2018). Assim, sinceridade, performance e eficácia constituem os pilares que sustentam a credibilidade política.

O *ethos* de “sério” constrói-se por meio da projeção de solidez, autocontrole e comprometimento. Ele se manifesta tanto na postura corporal e no comportamento quanto na sobriedade do discurso, marcado por clareza e firmeza (Charaudeau, 2018). No plano verbal, essa imagem tende a ser reforçada por escolhas linguísticas

que evitem os excessos ou “frases de efeito” vazias. Geralmente, as palavras e as construções sintáticas tendem à simplicidade e à clareza, transmitindo sobriedade e ponderação. Declarações consistentes sobre valores e princípios que guiam sua ação também reforçam esse *ethos*, que se “[...] constrói igualmente com a ajuda de declarações a respeito de si mesmo, sobre as ideias que guiam o político.” (Charaudeau, 2018, p. 121)

Paralelamente, o *ethos* de “virtude” é crucial, pois o político é visto, em teoria, como um representante que deve dar o exemplo. O *ethos* de virtude associa-se à imagem de honestidade, integridade e fidelidade a princípios. Como representante do povo, o político é esperado como modelo de retidão moral, devendo demonstrar transparência e respeito ao cidadão (Charaudeau, 2018, p. 122-124). Por fim, o referido autor destaca que: “o *ethos* de ‘virtude’ é igualmente necessário ao político, pois se supõe que ele, como representante do povo, é quem dá o exemplo. Esse *ethos* exige que o político demonstre sinceridade e fidelidade, a que se deve acrescentar uma imagem de honestidade pessoal.” (Charaudeau, 2018, p. 122).

O terceiro *ethos*, o de “competência” resulta da combinação entre saber e habilidade. O político busca demonstrar conhecimento técnico, experiência e capacidade de ação, frequentemente mobilizando sua trajetória profissional para legitimar sua autoridade (Charaudeau, 2018). Muitas vezes, é o próprio político quem evidencia estrategicamente seu percurso para construir este *ethos*: destacando sua formação acadêmica relevante, sua experiência profissional prévia, funções públicas anteriores exercidas com sucesso, ou até mesmo uma herança familiar de serviço público, sempre buscando vincular essas experiências às habilidades e conhecimentos exigidos pelo cargo almejado ou ocupado. (Charaudeau, 2018).

Em síntese, o *ethos* de credibilidade constitui um dispositivo essencial da persuasão política. A construção de imagens de seriedade, virtude e competência permite sustentar a confiança do auditório e favorecer a adesão às teses defendidas. Assim, a tipologia proposta por Charaudeau (2018) será mobilizada neste trabalho como ferramenta analítica para compreender como a credibilidade se articula à produção da adesão e à encenação do discurso político. Trata-se de um jogo constante entre identidade social percebida (o que o político é) e a identidade discursiva projetada (o que o político performatiza ser no seu discurso), visando legitimar sua autoridade e merecimento de crédito perante o auditório. (Charaudeau, 2018).

## 6 Ethos de identificação

A adesão do auditório não se sustenta apenas na confiança racional depositada no orador, mas também na possibilidade de identificação afetiva com a imagem que ele projeta. Como destacam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a argumentação visa produzir adesão e, para isso, mobiliza tanto dimensões racionais quanto emocionais. Nesse quadro, a construção do *ethos* envolve não apenas credibilidade, mas também mecanismos de identificação que aproximam o locutor do auditório.

Sob a perspectiva discursiva, essa identificação constitui uma construção negociada na interação, inscrita na cena de enunciação (Maingueneau, 2005) e apoiada em representações sociais compartilhadas (Amossy, 2005). É nesse contexto que se inserem os *ethé* de identificação propostos por Charaudeau (2018), responsáveis por instaurar vínculos afetivos entre o líder político e o corpo social.

A construção do *ethos* político envolve a articulação estratégica de traços pessoais de caráter, manifestações corporais, padrões comportamentais e declarações verbais, tudo isso em diálogo constante com as expectativas dos cidadãos. Tais expectativas são moldadas por imaginários sociodiscursivos coletivos que atribuem valores a determinadas maneiras de ser e agir. No discurso político, portanto, as figuras do *ethos* são sempre polivalentes, orientadas simultaneamente para a autoimagem que o político deseja projetar, para a sensibilidade e expectativas do cidadão, e para os valores sociais que servem como referência. Isto é evidente não apenas nos *ethé* de credibilidade (sério, virtuoso, competente), vistos anteriormente, mas também nos *ethé* de identificação.

Nessa perspectiva, os *ethé* de identificação são fundamentais porque permitem ao cidadão estabelecer um vínculo afetivo, quase irracional, com o político, em que o cidadão funda parte de sua identidade social na imagem projetada pelo líder (Charaudeau, 2018, p. 137). Trata-se de um processo que ultrapassa a racionalidade da credibilidade baseada em resultados e mobiliza dimensões simbólicas e imaginárias do social. Busca-se, então, estabelecer uma conexão emocional entre o político e o seu público, apelando para aspectos afetivos e simbólicos que aproximam o líder dos cidadãos. Como observa Amossy (2005), a imagem de si construída no discurso funciona como ponto de ancoragem para processos de reconhecimento e pertença. Assim, a identificação constitui um recurso argumentativo decisivo, pois favorece a adesão ao aproximar valores, emoções e experiências compartilhadas. Entre os *ethé* de identificação mais recorrentes, destaca-se aqueles mais voltados

para a essência percebida do político enquanto indivíduo: o *ethos* de “potência”, o *ethos* de “caráter”, o *ethos* de “inteligência” e o *ethos* de “humanidade”. Já os *ethé* de “chefe” ou de solidário possuem uma orientação mais explícita para a relação com o cidadão. (Charaudeau, 2018).

Em primeiro lugar, o *ethos* de potência projeta a imagem de um líder dotado de energia e capacidade de ação, associado à força física, à linguagem assertiva e à presença dominante no espaço público. Esta potência, frequentemente, se expressa através de uma figura de virilidade sexual, nem sempre declarada abertamente, mas sugerida pela postura, vigor físico, linguagem assertiva e uma presença que domina o espaço. (Charaudeau, 2018).

O *ethos* de “caráter”, por sua vez, remete à firmeza moral, integridade e determinação, manifestando-se por meio de discursos de convicção, autocontrole e capacidade de decisão (Charaudeau, 2018, p. 144). Este *ethos* se manifesta através de diversas figuras discursivas e comportamentais como a vituperação, o autocontrole, o orgulho nobre e a moderação. Juntas, estas figuras projetam a imagem de um líder de convicção portador de uma ação efetiva e energia moral, capaz de tomar decisões ponderadas e enfrentar adversidades.

Além disso, o *ethos* de inteligência, segundo Charaudeau (2018), mobiliza a imagem de superioridade intelectual, seja pela erudição (refinamento intelectual e retidão moral intrínseca), seja pela astúcia política (habilidade de saber dissimular intenções e fazer crer em certos objetivos para melhor alcançar os verdadeiros fins).

Já o *ethos* de humanidade busca reduzir a distância entre líder e cidadãos, enfatizando emoções, fragilidades e aspectos da vida privada. Assim, de forma planejada, busca-se humanizar o político, criar proximidade com os cidadãos e sustentar uma ilusão de normalidade, frequentemente com cumplicidade midiática. (Charaudeau, 2018). Outrossim, tem-se o *ethos* de chefe que estrutura o imaginário da autoridade legítima, podendo assumir a figura do guia, do profeta ou do soberano, responsáveis por orientar e representar simbolicamente a coletividade (Charaudeau, 2018).

Por fim, completa o quadro dos *ethé* relacionados à identificação o *ethos* de “solidário”. Este *ethos* aproxima o político do cidadão ao enfatizar proximidade, partilha de experiências e compromisso coletivo diante de dificuldades. A solidariedade busca uma base igualitária, sendo o político solidário aquele que se

coloca simbólica e discursivamente ao lado dos cidadãos atingidos, partilhando momentaneamente seu lugar e sua luta. (Charaudeau, 2018).

Em síntese, os *ethé* de identificação operam em conjunto com os *ethé* de credibilidade, formando um sistema de projeção de imagens destinado a conquistar não apenas confiança racional, mas, sobretudo, adesão afetiva e identificatória do auditório. Essa articulação confirma que a persuasão política depende simultaneamente de credibilidade e identificação, dimensões que serão mobilizadas como ferramentas analíticas na investigação do *corpus*.

## 7 Análise do pronunciamento de Benjamin Netanyahu

O discurso do Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu, no dia 24 de Julho de 2024, perante o Congresso dos EUA, compõe um corpus rico em estratégias de construção de *ethos*, tanto de *credibilidade* (sério, virtuoso, competente) quanto de *identificação* (potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe, solidariedade), conforme teorizados por Charaudeau (2018). Esta análise pretende examinar como Netanyahu (2024) edifica sua imagem e busca a adesão afetiva e racional do auditório, utilizando-se estratégias argumentativas.

Primeiramente, o protocolo minucioso e o agradecimento solene de Netanyahu ao Presidente da Câmara e às lideranças (“Presidente da Câmara Mike Johnson... Ilustres convidados... Senhor Presidente, quero agradecer por me dar a profunda honra...”) estabelecem o *ethos* de “chefe-soberano”, reconhecendo e respeitando a autoridade americana. Nesse sentido, Charaudeau afirma que “[...] a soberania é o que funda a legitimidade do político.” (2018, p. 157). Isso o posiciona como um par, um líder de estado digno de endereçar o coração do poder estadunidense. O termo “profunda honra” reforça a solenidade e o reconhecimento do *status* elevado do local e da ocasião.

Em seguida, o líder enquadra o conflito como ponto de partida do pronunciamento e recorre a um dualismo entre bem e mal. Ele afirma: “Nosso mundo está em convulsão... um choque entre barbárie e civilização... entre aqueles que glorificam a morte e aqueles que santificam a vida.” Assim, Israel e EUA são colocados como defensores da “civilização” e da “vida” contra a “barbárie” e a “morte”. Essa dicotomia simplifica o conflito e justifica moralmente a ação bélica, apelando para um imaginário sociodiscursivo de luta existencial em que a força bruta, atrelada ao *ethos* de “potência”, é necessária e legitimada. Também, a afirmação “quando estamos

juntos... nós vencemos. Eles perdem” e “eu vim garantir... nós venceremos” reforçam essa imagem de força inabalável e destino triunfante.

Logo depois, tem-se a descrição gráfica e apelativa emocionalmente do ocorrido de 7 de outubro, com trechos como “o céu se transformou em inferno”, “massacraram”, “estupraram”, “decapitaram”, “queimaram bebês vivos”, servindo para múltiplos propósitos. Primordialmente, constrói um poderoso *ethos* de “humanidade”, já que “O ‘ser humano’ é mensurado pela capacidade de demonstrar sentimentos, compaixão para com aqueles que sofrem [...]” (Charaudeau, 2018, p. 148), compartilhado através do sofrimento extremo e da violação dos valores mais básicos, ao mesmo tempo que destrói qualquer traço de humanidade do outro, reforçando o dualismo bem e mal, nós contra eles, civilizados e selvagens. A comparação “20 onze de setembro em um dia” cria um *ethos* de “solidariedade” aproximando a situação com o trauma americano, igualando as experiências e apelando a uma dor comum. A citação envolvendo as vítimas estadunidenses (39) personaliza o ataque para o público-alvo e ajuda nessa construção, pois “O *ethos* de solidariedade faz do político um ser que não somente está atento às necessidades dos outros, mas que as partilha e se torna responsável por elas.” (Charaudeau, 2018, p. 163)

Outro ponto a se focar é em relação ao relato envolvendo história de Noa Argamani. A apresentação dela como acolhida pelo líder (“sentada perto da minha esposa Sara”) humaniza a vítima e o próprio Netanyahu, novamente recorrendo a uma construção do *ethos* de “humanidade”. O relato do “último desejo” da mãe morrendo de câncer e a descrição da “operação de resgate de comando de tirar o fôlego” explora o sentimento universal do amor materno e da perda e Netanyahu se coloca como “chefe/guia-pastor”, sendo o protetor que ouviu o apelo desesperado da mãe e agiu decisivamente (“autorizei”) para resgatar a jovem “perdida” (Noa), cumprindo uma promessa sagrada. Também, recorre-se à construção da imagem de performance de Israel, demonstra a capacidade operacional efetiva e sua determinação em cumprir objetivos (trazer reféns de volta).

Em “Não descansarei até que todos os seus entes queridos estejam em casa”, busca-se reforçar a imagem de líder comprometido e fiel à sua palavra, pela credibilidade. A seguir, a apresentação dos soldados (Avichail, Ashraf, Asa, Yonatan) serve para construir o *ethos* de “caráter” israelense, especialmente pela figura da coragem (“correu oito milhas”, “matou muitos terroristas”, “salvou muitas vidas”),

pela firmeza (“inabaláveis, destemidos, destemidos”) e pela resistência (“ferido... perdeu o braço... retornará ao serviço ativo”). A diversidade étnica e religiosa (“judeu etíope, beduíno muçulmano”) citada por Netanyahu (2024) busca reforçar a solidariedade nacional (“soldados de Israel – inabaláveis... de todos os cantos da sociedade israelense, de todas as etnias... credos”) e projeta uma imagem de união perante a ameaça.

O Primeiro-Ministro prossegue construindo o *ethos* de “caráter”, mais especificamente pela figura do “orgulho”, através da história de Moshe Leiter. Leiter, filho de sobrevivente do Holocausto, retratado como oficial exemplar e pai de família morto em combate, é apresentado como uma figura poderosa que funda este duplo *ethos*. Seu sacrifício (como evidenciado pelo fato de ter “voluntariado para retornar ao combate”) encarna o caráter (orgulho/determinação) do “novo judeu”, forte e disposto ao sacrifício, contrastando deliberadamente com a imagem de vítima indefesa do Holocausto. Simultaneamente, a promessa de Netanyahu (2024) de que o sacrifício “não será em vão” o vincula diretamente à garantia de segurança futura (“nunca mais”) e à eficácia da resposta militar, construindo assim a credibilidade pelo compromisso.

Também, o discurso emprega o *ethos* de “inteligência”, na forma de desqualificação do outro, e na crítica veemente aos protestos anti-Israel. Ao acusar os críticos de serem “muitos [que] escolhem ficar do lado do mal... do lado do Hamas... de estupradores e assassinos”, Netanyahu (2024) utiliza a inteligência, já que esse *ethos* “[...] pode provocar a admiração e o respeito dos indivíduos por aquele que demonstra tê-lo [...]” (Charaudeau, 2018, p. 145), assim como o oposto. Isso se manifesta na desqualificação dos opositores como “idiotas úteis do Irã” financiados pelo regime. Ele busca expor supostas contradições (como a analogia “Gays por Gaza” = “Galinhas por KFC”) e ridiculariza o desconhecimento (“tiram F em geografia... história”), apresentando-se como o portador exclusivo da verdade histórica (“Terra de Israel é onde Abraão...”). Esta argumentação opera uma inversão: os críticos são irracionais e manipulados, enquanto ele é lúcido. Paralelamente, a linguagem de forte indignação moral (“Que monstros”, “Eles deveriam ter vergonha”) também projeta o *ethos* de “caráter”, posicionando-o com firmeza contra o que é definido como apoio imoral ao terror.

A crítica às universidades e ao “aumento assustador do antissemitismo” desenvolve, mais uma vez, *ethos* de “inteligência” e de “credibilidade”, pela

seriedade. Netanyahu (2024) recorre ao conhecimento histórico para contextualizar, mencionando o “ódio mais antigo” e “calúnias absurdas” como a acusação medieval de envenenar poços. Este recurso visa desmascarar as acusações contemporâneas contra Israel (“racista”, “genocida”), apresentando-as como meras continuções do antissemitismo histórico. Ele se coloca assim como guardião da verdade contra a ignorância ou má-fé. Ao mesmo tempo, ao dizer combater o antissemitismo com um tom grave e de princípio (“sempre e onde quer que vejamos... devemos condená-lo inequivocamente”), ele reforça sua credibilidade, projetando a imagem de líder sério e comprometido com valores fundamentais.

Na defesa das ações de Israel em Gaza, Netanyahu (2024) constrói minuciosamente o *ethos* de “competência” e de “seriedade”. Ele demonstra competência através do detalhamento envolvendo estatísticas (“40.000 caminhões de ajuda, 3.000 calorias diárias, milhões de panfletos, centenas de milhares de telefonemas”) e do conhecimento da estratégia do Hamas (“escudos humanos”), apoiando-se também na opinião de especialistas estadunidenses como o Coronel John Spencer. A descrição das operações para evitar baixas civis (“mais precauções... do que qualquer exército na história”) e a apresentação de resultados (“taxas... mais baixas”, “praticamente nenhum” civil morto em Rafah) pretendem evidenciar sucesso operacional. O tom firme usado para refutar acusações (“absurdo”, “invenção completa”, “mentiras”) visa reforçar o *ethos* de sério, enquanto os resultados apresentados (“baixas civis minimizadas”) comprovam a eficácia, assim como o elogio aos soldados (“devem ser elogiados”).

Em continuidade, ao afirmar que “o Tribunal Penal Internacional (TPI) está tentando algemar as mãos de Israel... a América será a próxima... a capacidade de todas as democracias de combater o terrorismo estará em perigo”, Netanyahu (2024) assume o *ethos* de “chefe-comandante” que alerta para uma ameaça maior e mais ampla. Ele posiciona Israel como a linha de frente (“as mãos do estado judeu nunca serão algemadas”), defendendo não só a si mesmo, mas todas as democracias. Esta estratégia cria uma solidariedade estratégica, (“nossa luta é sua luta”), vinculando o destino de Israel ao das demais nações ameaçadas.

Além disso, o líder constrói os *ethé* de “chefe-profeta” e de “potência” para si ao descrever o Irã como estando “virtualmente por trás de todo o terrorismo...” e alertar que “exportará a revolução islâmica...”, “revelando” a verdade oculta do conflito (o Irã como inimigo central) e prevendo consequências (“Israel é o primeiro,

a América é o próximo”). A afirmação: “Quando Israel luta contra o Hamas... estamos lutando contra o Irã” e, crucialmente, “Quando Israel age para impedir o Irã de desenvolver armas nucleares... Estamos protegendo você.” colocam Israel no papel de protetor indispensável dos EUA e do mundo ocidental.

Ao abordar as ameaças do Hezbollah (“Israel fará o que for preciso”) e a resposta aos ataques dos Houthis (“autorizei uma resposta rápida”, “Aqueles que atacam Israel pagarão um preço muito alto”), Netanyahu (2024) reforça o *ethos* de “caráter” ao demonstrar firmeza e determinação e, ainda, o *ethos* de “chefe-comandante” ao estabelecer compromisso com a vitória. Ele assume plenamente esse papel ao se prestar decidido e pronto a usar a força para proteger seu povo e restaurar a segurança. O agradecimento ao apoio estadunidense (“Todos os lados do corredor”) reforça a aliança neste contexto. Nesse sentido, a valorização da união EUA-Israel constrói o *ethos* de “competência”. Ao destacar a cooperação militar e de inteligência (“armas mais sofisticadas da Terra”, “ajudamos a manter as botas americanas fora do chão”), Netanyahu (2024) demonstra competência ao exibir o saber tecnológico-militar e a habilidade estratégica de Israel como parceiro valioso. Esta demonstração reforça a eficácia da aliança para ambos os lados.

O pedido por aceleração de armamentos é um momento que mobiliza o *ethos* de “chefe-guia” e faz um apelo à performance. Netanyahu (2024) se coloca como “chefe-guia” na “linha de frente da civilização”. O pedido específico se vincula diretamente à performance militar e à capacidade de alcançar resultados concretos (derrotar o Hamas mais rápido, prevenir guerra mais ampla). Assim como, a definição de “vitória total” (rendição do Hamas, desarmamento, retorno de reféns, destruição de capacidades e governo) e a visão para “uma Gaza desmilitarizada e desradicalizada” demonstram *ethos* de “competência”, por uma visão estratégica, e de seriedade.

No mais, o ápice da tentativa de construção de *ethos* como estadista surge com a proposta da “Aliança Abraão”, mobilizando o *ethos* de “chefe-soberano” e “competência”. Netanyahu (2024) apresenta uma arquitetura de segurança regional (“extensão natural dos Acordos de Abraham”) liderada por EUA e Israel, comparando-a à NATO (organização do Tratado do Atlântico Norte). Dar um nome à aliança (“Aliança Abraão”) é um ato de soberania simbólica. O agradecimento a Trump e a reiteração de “Jerusalém, nossa capital eterna” reforçam sua posição como defensor dos interesses nacionais.

Na conclusão do pronunciamento, introduz-se um *ethos* de “humanidade” pela esperança e de “caráter” pela determinação. A expressão de esperança (“estou esperançoso sobre Israel... sobre a América”) apela à “humanidade”, mostrando otimismo e fé no futuro. Também, as frases “Israel não vão ceder. Israel não vai se curvar. Nós defenderemos nossa terra. Nós defenderemos nosso povo. Nós lutaremos até alcançarmos a vitória.”, com sua repetição e linguagem direta, resgatam o *ethos* de “caráter” e de potência”. A definição da vitória como “Vitória da liberdade sobre a tirania... vida sobre a morte... bem sobre o mal” e o “compromisso solene” reforçam a credibilidade da promessa.

Finalmente, a visão de um Oriente Médio transformado em “próspero oásis” sob a liderança da aliança EUA-Israel e a reafirmação de Israel como “aliado indispensável” e “amigo leal e... parceiro firme” consolidam o *ethos* de “chefe-guia” e “solidariedade” com a população estadunidense. Netanyahu (2024) se coloca novamente como “chefe-guia” de um futuro melhor, fechando com uma mensagem de solidariedade estratégica (“grande aliança”) perante ameaças comuns. O tom de encerramento, com agradecimentos (“Obrigado, América... apoio e solidariedade... estar com Israel em nossa hora de necessidade”) e bênçãos (“Que Deus abençoe Israel... América... a grande aliança”), estabelece o *ethos* de “virtude” e de “sério” e confere solenidade, elevação moral e profundidade ao compromisso, reforçando gratidão, lealdade e parceria baseada em valores, além de respeito e de solenidade atrelados ao *ethos* de “sério”.

### 7.1 A estrutura retórica do discurso de Netanyahu

A eficácia do pronunciamento de Benjamin Netanyahu (2024) não se reduz a sua dimensão social, mas envolve a forma como ele é estruturado e argumentativamente organizado. Como observa Charaudeau (2018), o discurso político é sempre uma *mise en scène*, em que razão e emoção se articulam para legitimar o orador. Da mesma forma, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) lembram que a retórica política se apoia em técnicas de argumentação que buscam tornar presente, diante do auditório, valores e imaginários sociodiscursivos capazes de suscitar adesão. Assim, o exame da estrutura composicional, dos recursos linguísticos, das narrativas paradigmáticas, da multimodalidade e da hierarquia entre os *ethé* permite compreender como o pronunciamento constrói sua força persuasiva.

Na tradição da retórica, a organização do discurso em partes ou blocos não é neutra: ela constitui um modo de guiar a recepção e de preparar o efeito persuasivo (Meyer, 2007). O pronunciamento de Netanyahu (2024) pode ser decomposto em blocos narrativo-argumentativos que se sucedem em progressão: abertura protocolar, enquadramento binário, descrição de atrocidades, narrativas pessoais, defesa da competência, apelo à aliança estratégica e fechamento solene, conforme destacamos a seguir no Quadro 2.

**Quadro 2** - Estrutura retórico-composicional do pronunciamento

Bloco	Conteúdo central	Marcas exemplares	Ethos predominante	Função persuasiva
<b>1. Abertura protocolar</b>	Cumprimentos e solenidade	“profunda honra”	Chefe-soberano	Legitimação do orador
<b>2. Enquadramento binário</b>	Civilização x barbárie; vida x morte	Antíteses iniciais	Potência / Caráter	Moralizar o conflito
<b>3. Atrocidades</b>	Descrição gráfica de violências	“queimaram bebês vivos”	Humanidade	Mobilizar <i>pathos</i>
<b>4. Narrativas pessoais</b>	Reféns, soldados, Moshe Leiter	Histórias paradigmáticas	Humanidade / Caráter / Chefe	Encarnar valores coletivos
<b>5. Defesa da competência</b>	Estatísticas e resultados	“40.000 caminhões... 3.000 calorías...”	Competência / Seriedade	Reforçar credibilidade
<b>6. Aliança estratégica</b>	Israel como protetor do Ocidente	“Estamos protegendo vocês”	Chefe-profeta / Solidariedade	Ampliar adesão EUA-Israel
<b>7. Fechamento solene</b>	Repetição e bênção	“Que Deus abençoe Israel e a América”	Caráter / Virtude / Humanidade	Encerrar com elevação moral

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Esse mapeamento confirma a ideia de que a eficácia retórica não depende apenas do conteúdo, mas da ordem em que os argumentos são apresentados, como já apontava os estudos de Aristóteles e, mais recentemente, os Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) ao tratarem da importância da disposição para a força da argumentação.

Além da composição, a retórica se realiza no nível das escolhas linguísticas. Como afirma Amossy (2018), o *ethos* se manifesta na materialidade do discurso: repetições, metáforas e oposições não são apenas ornamentos, mas constroem a imagem do orador e delimitam os marcos de interpretação. No caso de Netanyahu (2024), a retórica se apoia em antíteses constantes, hipérboles, metáforas bélicas e ridicularizações, conforme demonstramos no Quadro 3.

**Quadro 3** - Marcas linguísticas no discurso

Recurso	Exemplo	Efeito de sentido	Ethos associado
1. Antítese	“civilização x barbárie”; “vida x morte”	Moralização binária	Potência / Caráter
2. Hipérbole	“20 onze de setembro em um dia”	Amplificação do trauma	Humanidade / Solidariedade
3. Metáfora bélica	“linha de frente da civilização”	Defesa universal	Chefe / Competência
4. Ridicularização	“Gays por Gaza = Galinhas por KFC”	Desqualificação do outro	Inteligência / Caráter
5. Enumeração técnica	“40.000 caminhões de ajuda...”	Eficácia operacional	Competência / Seriedade

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Como assinalam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a repetição e a polarização são técnicas de presença que intensificam a evidência dos argumentos. Nesse discurso, tais recursos funcionam para cristalizar a oposição entre “nós” e “eles”, ao mesmo tempo em que reforçam a credibilidade e a autoridade do orador.

Outro recurso retórico fundamental é o uso de exemplos. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a exemplificação é uma técnica argumentativa de grande força, porque dá concretude a valores abstratos. No pronunciamento, as narrativas de Noa Argamani, dos soldados e de Moshe Leiter cumprem exatamente esse papel: transformam o particular em universal e encarnam valores de heroísmo, sacrifício e humanidade. Destacamos no Quadro 4.

**Quadro 4** - Narrativas e valores condensados

Narrativa	Valor central	Função discursiva	Ethos mobilizado
1. Noa Argamani	Compaixão e promessa cumprida	Humanizar vítima e líder	Humanidade / Chefe-guia
2. Soldados (diversidade)	Coragem e união nacional	Mostrar força coletiva	Caráter / Solidariedade
3. Moshe Leiter	Sacrifício e continuidade histórica	Legitimação pelo passado	Caráter / Credibilidade

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Esse efeito, que Charaudeau (2018) chama de *mise en scène*, confirma que o discurso político não apenas relata fatos, mas dramatiza situações paradigmáticas

para suscitar identificação. A exemplificação, assim, constitui recurso central de argumentação por valores.

Embora esta análise se concentre no *corpus* textual, é importante reconhecer que a argumentação também é multimodal. Como lembra Maingueneau (2018), o discurso político está sempre inscrito em uma cena de enunciação, que envolve espaço, gestualidade e ritualidade. O pronunciamento de Netanyahu (2024), realizado em ambiente solene e institucional, reforça corporalmente a imagem de estadista, ampliando o *ethos* projetado pelas palavras.

Por fim, cabe observar que os *ethé* não aparecem de maneira homogênea. O núcleo do discurso é formado pelos *ethé* de identificação (humanidade, caráter, chefe, potência), que mobilizam adesão afetiva e simbólica. Em seguida, os *ethé* de credibilidade (competência, seriedade, virtude) funcionam como suporte racional, legitimando as ações narradas. Por fim, emergem os *ethé* estratégicos, como o chefe-profeta, que ampliam o alcance do discurso em termos internacionais. Observamos o Quadro 5 abaixo:

**Quadro 5** - Hierarquia funcional dos *ethé*

Camada	<i>Ethé</i> predominantes	Papel na persuasão
<b>1.Núcleo (identificação)</b>	Humanidade, Caráter, Chefe, Potência	Produzir adesão simbólica e afetiva
<b>2.Suporte (credibilidade)</b>	Competência, Seriedade, Virtude	Reforçar legitimidade racional
<b>3.Estratégico (profético)</b>	Chefe-profeta, Solidariedade	Expandir adesão internacional

Fonte: Elaboração própria.

Esse mapeamento confirma a observação de Amossy (2018) de que o *ethos* político é plural e dinâmico, mas também hierarquizável conforme a estratégia argumentativa. Ao articular identificação e credibilidade, o discurso confirma a lógica retórica segundo a qual o orador deve, simultaneamente, conquistar a confiança e mobilizar a emoção (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005).

A análise estrutural e de conteúdo do discurso de Netanyahu (2024) demonstra como a organização retórica, as figuras linguísticas, as narrativas exemplares, a multimodalidade e a hierarquia dos *ethé* se articulam em um dispositivo argumentativo complexo. A partir de técnicas de presença (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005), de encenação discursiva (Charaudeau, 2018) e de performatividade

enunciativa (Maingueneau, 2008), o orador conjuga razão e emoção para legitimar-se como líder político e moral. Essa articulação confirma que o discurso político é um espaço privilegiado da retórica, no qual *ethos*, *pathos* e *logos* se combinam para produzir adesão e consolidar a autoridade do enunciador.

## Considerações finais

As análises realizadas à luz da Teoria Semiolingüística de Charaudeau (2018) contribuíram para demonstrar, em parte, algumas das estratégias argumentativas presentes no pronunciamento de Benjamin Netanyahu (2024) no Congresso dos EUA. Como evidenciado ao longo deste estudo, a fala do Primeiro-Ministro de Israel se deu pela construção de *ethé* de identificação (potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe e solidariedade) e de *ethé* de credibilidade (sério, virtuoso e competente) em momentos distintos. Essa articulação não se limita a uma mera justificativa política, mas faz parte de uma estratégia persuasiva que articula racionalidade e emoção, destinada a conquistar adesão integral do auditório.

Sob esse viés, verificou-se que Netanyahu (2024) prioriza o *ethos* de identificação como eixo central de sua persuasão. Através da projeção de figuras de potência (força inabalável frente a “barbárie”), de caráter (firmeza moral na defesa de valores), de humanidade (compaixão pelas vítimas) e de chefe (soberano/guia da civilização), busca identificar o público estadunidense com a narrativa e o destino de Israel. Paralelamente, os *ethé* de credibilidade, especialmente a competência operacional (demonstração de eficácia militar), e a virtude cívica (defesa da civilização ocidental), fornecem o suporte racional indispensável para legitimação das ações. Como estabelece Charaudeau (2018), essa dupla dimensão constitui a eficácia persuasiva no discurso político.

O pronunciamento revela, ainda, uma construção discursiva através da dicotomia “civilização versus barbárie”. Ao se apresentar como defensor incontestável dos valores ocidentais e ao associar críticas ao antissemitismo, Netanyahu (2024) desloca o foco das violações do direito internacional, transformando-as em atos necessários de “autodefesa”. A eficácia desta estratégia, portanto, reside entre credibilidade e identificação emocional, em que a demonstração de capacidade operacional (credibilidade) serve de base para o apelo identitário (solidariedade estratégica EUA-Israel).

Nesse sentido, cumpre destacar que a abordagem semiolinguística de Charaudeau (2018) contribuiu para desvendar estas complexas estratégias. Sua categorização dos *ethé* permitiu não apenas identificar os recursos discursivos, mas compreender sua função argumentativa no contexto analisado. Assim, fundindo interesses de segurança com identidades coletivas, Netanyahu (2024) posiciona Israel não como agressor, mas como vanguarda da civilização ocidental, cuja aliança com os EUA seria a única garantia de vitória. Este posicionamento demanda contínua análise crítica para desnaturalizar suas premissas e expor os projetos de poder que oculta. Futuras pesquisas poderão explorar a circulação deste discurso bélico e confrontá-lo criticamente em pesquisas futuras voltadas à análise de discursos políticos em contextos de conflito e violência.

Para além da aplicação ao *corpus* analisado, este estudo buscou contribuir para os estudos do discurso político ao articular, de forma integrada, diferentes perspectivas teóricas sobre a construção da imagem do locutor e a produção da adesão. Ao mobilizar conjuntamente a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2018), a concepção de cena de enunciação de Maingueneau (2005), a reflexão de Amossy (2005) sobre a construção discursiva da imagem de si e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), evidenciou-se que o *ethos* político opera como um dispositivo discursivo-argumentativo híbrido, situado na intersecção entre encenação discursiva, argumentação e identificação afetiva. Nesse sentido, o trabalho reforça a necessidade de abordagens interdisciplinares capazes de compreender a persuasão política contemporânea como um processo simultaneamente racional e emocional, contribuindo metodologicamente para análises futuras de discursos políticos em contextos de conflito e polarização.

## Agradecimentos

Pesquisa desenvolvida com financiamento da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

## Referências

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

- APRILÉ, C. A. da S. Israel e Palestina: um genocídio em andamento? **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 1724, jan. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i1.17930>. Acesso em: 8 fev. 2025.
- BUGIATO, C.; ROCHA, S.; ARAÚJO, V.; OLIVAR, B.; BOTELHO, L. Israel: implantação do Estado, Sionismo e governo Netanyahu. **Campos Neutrais: Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**. Rio Grande. v. 6, n. 1., p. 61-87, 2024.
- CARVALHO, J. F. de. **A Palestina na mídia ocidental**: olhares sobre a violência no Jornal Nacional. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHARAUDEAU, P. **O Discurso Político In**: Wander Emediato, Ida Lucia Machado, William Menezes. Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFMG, 2006, 2006.
- CORRÊA-ROSADO, L. C. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. **Memento**, Três Corações, v. 5, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2014. ISSN 2317-6911.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MEYER, M. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TELES, B. C.; OTHMAN, H. de M. M. Palestina no contexto do colonialismo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, Brasil, v. 33, n. 1, p. e226852, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/226852>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- TOMAZ, N. R. O.; GOUVÊA, L. H. M. Um estudo do *ethos* em discursos do ex-presidente Lula. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 441-471, 2017. DOI: 10.17851/2237.2083.25.1.441-471.